

# RESGATE DA LÍNGUA ALEMÃ: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

## RECOVERING THE GERMAN LANGUAGE: REPORT OF AN INTERNSHIP EXPERIENCE

Milena Hoffmann Kunrath **1**

Mateus Klumb **2**

Vivian Cristine Santos dos Anjos **3**

**Resumo:** O presente relato pretende apresentar primeiramente as dificuldades que tangem os estágios no curso de Licenciatura em Letras - Português e Alemão da UFPel, apontando em seguida o desenvolvimento de alternativas para que tanto os alunos do curso, quanto a comunidade escolar envolvidos se beneficiem da experiência. Ao focar na conscientização linguística e reintrodução da disciplina de língua alemã em escolas que outrora ofereciam o idioma, os estagiários ampliam sua inserção na comunidade como agentes da mudança no âmbito das políticas linguísticas. Discorre-se ainda sobre a experiência em si, a aplicação repetida de um mesmo plano para diferentes turmas, como fonte de reflexão sobre a responsabilidade do professor no processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Conscientização linguística; pomerano; alemão; estágio; UFPel.

**Abstract:** The present report firstly intends to present the difficulties encountered in the internships within the degree course in Portuguese and German at UFPel. It then discusses the development of alternatives so that both the course students as the school community may benefit from the experience. By focusing on the linguistic awareness and the reintroduction of the German language course in schools that once offered the language, the interns expand their insertion in the community as agents of change in the sphere of linguistic policies. The report also addresses the experience itself, the repeated application of a single plan to different classes, as a source of reflection about the teacher's responsibility in the learning process.

**Keywords:** Linguistic awareness; Pomeranian; German; internship; UFPel (Federal University of Pelotas).

Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Alemã, e bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. É Mestre em Letras na área de Literatura Comparada pela UFRGS e Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. É professora efetiva na área de alemão da Universidade Federal de Pelotas - UFPel desde fevereiro de 2017. E-mail: milena.kunrath@gmail.com **1**

Graduando do curso de Letras Português e Alemão da Universidade Federal de Pelotas. Integra os projetos de pesquisa "História, cultura e identidade no Kalender für die Deutschen in Brasilien (1881-1918; 1920-1941)" e "Comércio livreiro e acesso à literatura alemã no Rio Grande do Sul (1877-1941)". Ministrante de Língua Alemã no Projeto de Extensão da UFPel. E-mail: mklumbb@hotmail.com.br **2**

Graduanda do curso de Letras Português e Alemão da Universidade Federal de Pelotas. Participou do PIBID em Língua Portuguesa no ano de 2017. E-mail: viviancsa05@gmail.com **3**

## Introdução

Os estudantes do curso de Licenciatura em Letras – Português e Alemão da UFPel<sup>1</sup> devem fazer três estágios obrigatórios no âmbito da Língua Alemã: as disciplinas de Estágio de Observação, de Intervenção Comunitária e de Regência em Língua Alemã. Onde fazer o estágio e como ele deve ser feito, obedecendo a todas as exigências legais, são os maiores problemas enfrentados na UFPel, já que a região sul do Rio Grande do Sul<sup>2</sup> possui poucas escolas com ensino de alemão como língua estrangeira em seu currículo. Porém, o que primeiramente pareceu ser impeditivo, apresentou-se como uma oportunidade de envolver a comunidade num projeto comum de conscientização linguística e reintrodução de uma disciplina relevante para o contexto local. Segundo Lima (2008) “O espaço da escola de educação básica, recebedora dos estagiários, torna-se, dessa forma, o espaço de encontro das culturas dos alunos, dos formadores e dos estagiários.” (p.199)

Não há dúvidas da importância da conscientização linguística no âmbito da aprendizagem de novas línguas, como afirma Spinassé (2017), “acredita-se que ela [a conscientização linguística] pode, também, contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem de outra língua, (...)” (p. 396). No caso, os benefícios do resgate de uma língua que tanto significou para o passado das comunidades formadas pela imigração alemã pode constituir-se num elemento integrador na composição futura desses locais. Para Spinassé, a conscientização linguística contribui “(...) ainda para a quebra de barreiras existentes entre estudantes de diferentes culturas e etnias, como as relatadas em estudos sociolinguísticos em situações de convívio entre nativos e imigrantes.” (p. 396)

Neste ponto gostaria de situar um pouco as características do ensino de Língua Alemã nas escolas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Embora não existam tantas opções de locais que ofereçam Alemão como Língua Estrangeira, como existem no caso do Inglês, para que os alunos do Curso de Licenciatura possam fazer seus Estágios de Observação, o ensino de alemão nas escolas da Região Sul do Brasil apresenta uma grande organização e unidade no que se refere ao conteúdo e ao método de ensino. Existe uma rede de apoio às escolas<sup>3</sup> que oferecem a Língua Alemã, bem como aos professores das disciplinas. Eles são incentivados a fazer cursos de formação periódica oferecidos em parceria com o Instituto Goethe de Porto Alegre e pelo ZfA<sup>4</sup> e também são orientados na aplicação de provas de proficiência. No Estágio de Observação<sup>5</sup>, os alunos do Curso de Licenciatura da UFPel percebem a preparação e o foco dos professores da rede para que seus alunos atinjam um nível específico (no caso do município de São Lourenço do Sul, A1, segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas).

Diante dessa realidade, o aluno constata no Estágio de Observação que, para além das atividades dentro de sala de aula, ao se graduar irá fazer parte de uma comunidade de professores que estão em constante contato para o aperfeiçoamento da didática e, da mesma forma, apoiados por instituições interessadas na divulgação do ensino da Língua Alemã no Brasil. Isso opera como um forte estímulo para o investimento no ensino da graduação.

As escolas de São Lourenço do Sul, onde o idioma é oferecido, são formadas por um corpo docente e discente falante majoritariamente de Pomerano. Esta língua, já inexistente em seu berço original, guarda alguma semelhança linguística com o Alemão, mas grande similaridade cultural (se comparado ao Brasil). Os alunos destas escolas têm a possibilidade de aprender uma segunda língua estrangeira e o ambiente escolar, cheio de referências à cultura e língua Pomerana, valoriza a experiência do plurilinguismo. Bourdieu (apud Altenhofen e Broch, 2011) destaca a importância da recuperação das línguas minoritárias no contexto escolar:

Por envolver línguas minoritárias, o plurilinguismo brasileiro permanece normalmente ignorado, por vezes invisível ou exótico, não obstante se constitua em uma questão

1 Universidade Federal de Pelotas.

2 Enquanto na metade norte do Rio Grande do Sul existem diversas escolas que oferecem a Língua alemã em seu currículo regular, na metade sul a oferta do idioma é quase inexistente.

3 Muitas escolas que oferecem Língua Alemã fazem parte da iniciativa PASCH – Escolas: uma parceria para o futuro.

4 ZfA (*Zentralstelle für das Auslandsschulwesen*) - Agência Central para as Escolas de Alemão no Exterior.

5 O estágio é feito na Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Lutero, em São Lourenço do Sul, Município de 45.000 habitantes a aproximadamente 80km ao norte de Pelotas.

fundamental, por se tratar de um patrimônio linguístico e cultural do qual não se pode abrir mão, em vista de seu valor como capital simbólico de um país que busca se firmar como liderança no mundo globalizado. (ALTENHOFEN; BROCH, 2011, p.15)

Duas escolas da zona rural de São Lourenço do Sul oferecem a opção de Língua Alemã em seu currículo. No entanto, ao terminar o ensino fundamental, não há mais possibilidade de dar continuidade ao aprendizado da língua nos currículos das escolas do município. Diante de realidades como esta, muito se questiona a respeito da introdução das línguas minoritárias nas escolas brasileiras. Altenhofen e Broch perguntam-se:

Como viabilizar o “atendimento às diversidades, aos interesses locais” no momento em que o Estado explicitamente obriga o oferecimento de espanhol? Como contemplar, por exemplo, o repertório linguístico de alunos oriundos de comunidades italianas, alemãs, polonesas e japonesas, localizadas no sul do Brasil? (ALTENHOFEN; BROCH, 2011, p.18)

Para este questionamento temos uma proposta de Cummings (apud Altenhofen e Broch, 2011):

Cummins (1986/2001) ressalta que as reformas políticas são uma condição necessária para mudanças efetivas, mas não são suficientes. O autor enfatiza a importância do educador de aceitar ou desafiar a instituição para que as mudanças se concretizem. Os atores envolvidos na formulação de políticas nem sempre têm o conhecimento das condições, recursos, histórias e compromissos locais do cenário em que se dará a implementação. Não se pode partir do princípio de que as políticas são ou devem ser realizadas da mesma maneira em todos os lugares, isto faz parte da “fantasia de globalização dos formuladores de políticas”. (ALTENHOFEN; BROCH, 2011, p.18)

Ainda na zona rural de São Lourenço do Sul, existe uma única escola<sup>6</sup> onde o ensino médio é oferecido e na qual havia anteriormente a disciplina de Língua Alemã. Em contato com a escola, dois alunos, um dos quais egresso da mesma instituição, manifestaram interesse em aplicar lá o Estágio de Intervenção Comunitária. A ideia foi muito bem recebida pela comunidade escolar, já que diversos alunos, oriundos das escolas de ensino fundamental que oferecem a disciplina de língua alemã, não podem dar seguimento ao aprendizado. Dessa forma os alunos Mateus Klumb e Vivian Santos dos Anjos planejam a aplicação do Estágio de Intervenção Comunitária na referida escola.

O plano consistia em introduzir a língua alemã de forma divertida para o máximo de turmas possível durante um determinado dia, de forma que os alunos, motivados com a experiência, solicitassem à direção e ao município a reintrodução da disciplina na escola. Os professores das turmas, apesar de estarem às vésperas das férias de inverno, prontamente disponibilizaram o horário para a aplicação do estágio.

O aluno Mateus iria iniciar a aula com uma música, para envolver os estudantes e criar um ambiente de descontração, e após introduziria uma atividade envolvendo as cores e estações do ano. Ao mesmo tempo, a aluna Vivian introduziria um verso, em outra turma, para que os alunos pudessem se apresentar, e após proporia um jogo com os nomes das frutas em alemão. As dinâmicas durariam aproximadamente uma hora e, em seguida, os alunos-ministrantes trocariam de sala, para que todos tivessem a experiência com ambos os professores.

Foram então ministradas aulas para as turmas do 5º ano, 6º ano, 8º ano e 9º ano do ensino fundamental da manhã, 5º ano, 6º ano, 8º ano e 9º ano do ensino fundamental da tarde e 1º e 2º ano do ensino médio da noite (para a aplicação no ensino médio houve pequenas alterações no

<sup>6</sup> Escola Estadual de Ensino Médio Professor Rodolfo Bersch

plano de aula a fim de adequar o conteúdo e forma à faixa etária).

Segundo o estagiário Mateus,

Foi necessário que pequenas mudanças fossem realizadas. Uma delas, o período de aplicação, anteriormente previsto para dois dias, foi condensado num mesmo dia. (...) Inicialmente objetivava-se também que ambos os estagiários que montaram o projeto atuassem ao mesmo tempo na mesma sala de aula. Em virtude do número de turmas e principalmente do número de alunos, isso tornou-se inviável. A saída foi cada estagiário aplicar uma parte do projeto. Portanto, todas as turmas aqui citadas também realizaram, neste mesmo dia e horários, outras atividades com a estagiária Vivian Cristine Santos dos Anjos, conforme consta no relatório por ela apresentado para esta mesma disciplina.<sup>7</sup>

O aluno segue narrando o desenvolvimento do trabalho: “Promover o momento inicial, para quebrar o gelo, e aproximar os alunos, tornou as aulas leves.” Após a introdução da música, Mateus narra que “Os estudantes ficaram à vontade para interagir e perguntar, contar vivências com coisas parecidas com as que levei para eles.” Separa ainda o momento antes e depois da dinâmica como um divisor de águas e abertura dos alunos: “Depois da dinâmica todas as turmas se tornaram mais receptivas”.

Além da experiência enriquecedora para a comunidade escolar (o objetivo de despertar nos alunos o interesse pela língua alemã foi plenamente atingido), os alunos-ministrantes ainda experienciaram uma modalidade não tão comum para os jovens professores: testar o mesmo planejamento de aula para a mesma faixa etária e obter resultados completamente diferentes. Para Mateus, “Aplicar atividades semelhantes a turmas em níveis e faixas etárias diferentes, por mais maçante que possa parecer, proporcionou um crescimento prático pessoal imensurável”, ele acrescenta ainda:

Dentre os aspectos que mais se destacaram, cito a heterogeneidade de possibilidades que uma mesma atividade tem de produzir diferentes situações de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Cada turma reagiu de uma forma diferente e se apropriou de uma forma específica do que foi proposto.

E reflete a respeito do resultado da experiência:

Talvez o que não deu certo e não interessou tanto algumas turmas tivesse funcionado melhor se outro aspecto que acho importante destacar tivesse feito parte do momento de preparação das oficinas: conhecer o público a quem elas seriam ofertadas. Os alunos foram, até o momento da aplicação, uma incógnita. Como muitos estudos linguísticos pontuam bem, cada qual tem diferentes possibilidades e habilidades para se desenvolver na aquisição de uma língua estrangeira. Isso explica bem o fato de algumas turmas terem realizado com muita motivação tudo que fora proposto, e as outras não terem reagido com metade do interesse. Talvez se para essas últimas as atividades tivessem sido propostas em outros moldes, o aproveitamento teria sido muito melhor.

A estagiária Vivian compara os resultados das aulas nas diferentes turmas e aponta as diferenças na expressão oral:

<sup>7</sup> As citações do aluno Mateus Klumb e da aluna Vivian Santos dos Anjos foram retiradas dos seus respectivos relatórios de estágio.

Foi possível concluir que os alunos das turmas iniciais tiveram mais facilidade na oralidade do que os alunos das turmas finais. No ensino médio foi necessário ter mais repetições na fala de devidas palavras em alemão do que no ensino fundamental e os alunos mais velhos tinham mais receio de errar e/ou pronunciar de forma inadequada, o que dificultava bastante a aplicação da atividade.

Mais ainda, a aluna observou que a comunidade escolar, embora cercado por diversidade linguística, percebia a língua alemã com certa angústia, por considerá-la mais “formal”:

Foi possível notar que, para uma escola localizada em uma colônia, que fala dialetos alemães, grande parte dos alunos não tinha conhecimento prévio da língua alemã e, quando perguntado sobre a ideia de se ter a língua alemã como matéria obrigatória na grade curricular da escola quase que 95% dos alunos acharam a ideia boa, porém relataram receio de aprender a língua alemã, visto que já tinham uma segunda língua estrangeira como matéria obrigatória, no caso do ensino fundamental o inglês e no caso do ensino médio o espanhol e que as mesmas eram relativamente fáceis comparadas ao alemão, então esse contato “obrigatório” os assustava.

Mas este “medo” não tirou o encantamento de participar de uma aula diferenciada e o contato com algo novo. Segundo Vivian, “Era nítido o encantamento dos alunos pela língua alemã (...)”. Porém, a estagiária observa que os alunos, ainda que encantados, preocupavam-se com o desafio: “Parecia que aprender o necessário estava de bom tamanho, por mais que eles vivessem em um contexto voltado para a língua alemã”.

Os estagiários acabaram entrando em sala de aula às 8 horas da manhã e saindo da escola apenas às 22 horas. Com isso, os futuros professores experienciaram algo que eu como orientadora não poderia oferecer de outra forma: perceber a realidade de diversos professores do nosso país, que muitas vezes acumulam turnos e trabalham mais de 40 horas semanais. Enquanto muitos dos licenciandos acreditam que o resultado de uma boa aula só depende da boa vontade do professor, experiências deste tipo reforçam que tanto alunos quanto professores são falíveis e que os professores, além de um bom planejamento, devem ser capazes não só de improvisar, como também aceitar os eventuais equívocos e limitações que aparecerão inevitavelmente em sala de aula. E mais que isto, compreender que é através dos erros que aprendemos e nos tornamos professores melhores.

Ao orientar os alunos para o Estágio de Intervenção, destacamos a importância do trabalho deles como forma de atrair os alunos da rede para o prazer do aprendizado de idiomas. Ao envolver os alunos da rede, cria-se a demanda para os pais e conseqüentemente para toda a comunidade escolar. Dessa forma, em vez da prefeitura simplesmente oferecer uma disciplina de Língua Alemã, ela atenderá uma demanda da comunidade. Os próprios alunos da rede, tendo suas reivindicações atendidas, valorizarão muito mais a nova proposta pedagógica.

## Referências

ALTENHOFEN, Cléo V.; BROCH, Ingrid K. . Fundamentos para uma “pedagogia do plurilinguismo” baseada no modelo de conscientização linguística (language awareness). In: **V Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**, 2011, Montevideo. V Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas. Montevideo: Universidad de la República e Asociación de Universidades Grupo Montevideo, 2011. p. 15-22.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008. Disponibilidade em: <[http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/mod5bloco4/texto-reflexoes\\_sobre\\_estagio-e-pratica-de-ensino.pdf](http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/mod5bloco4/texto-reflexoes_sobre_estagio-e-pratica-de-ensino.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2018.

SPINASSÉ, K. P.; KÄFER, L. **A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português-Hunsrückisch.** Gragoatá, Niterói, v.22, n. 42, p. 393-415, jan.-abr. 2017.

Recebido em 30 de setembro de 2018.

Aceito em 17 de dezembro de 2018.